



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL



CRISTIANA DE BARCELLOS PASSINATO

**A CONSULTORIA DE AUDIODESCRIÇÃO DE UM TRECHO DA ANIMAÇÃO DE
"O INCRÍVEL PONTINHO AZUL": ANÁLISE DA SUA PRIMEIRA FASE.**

Rio de Janeiro

2019

CRISTIANA DE BARCELLOS PASSINATO

**A CONSULTORIA DE AUDIODESCRÇÃO DE UM TRECHO DA ANIMAÇÃO DE
"O INCRÍVEL PONTINHO AZUL": ANÁLISE DA SUA PRIMEIRA FASE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização de Acessibilidade Cultural do Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Acessibilidade Cultural.

Orientador: Professor Dr. Jefferson Fernandes Alves

Rio de Janeiro

2019

CRISTIANA DE BARCELLOS PASSINATO

A CONSULTORIA DE AUDIODESCRIÇÃO DE UM TRECHO DA ANIMAÇÃO DE "O INCRÍVEL PONTINHO AZUL": ANÁLISE DA SUA PRIMEIRA FASE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização de Acessibilidade Cultural do Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Acessibilidade Cultural.

Rio de Janeiro, 27 de junho de 2019.

Banca examinadora

Prof. Dr. Jefferson Fernandes Alves – UFRN
Orientador

Prof. Dr. Eduardo Cardoso – UFRGS
Membro Interno

Prof. Dr. Rodrigo Volcan Almeida – UFRJ
Membro externo

Dedico esse artigo a todas as pessoas com deficiência, transtornos e necessidades educacionais específicas que necessitam tanto da nossa empatia e olhar mais amplo.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e irmão que me incentivam muito a continuar estudando e me aperfeiçoando enquanto profissional e pessoa.

Ao meu querido amigo e ex-orientador de Mestrado, professor Dr. Rodrigo Volcan Almeida que tanto me estimulou a ingressar nesse curso e por aceitar compor a banca de defesa desse trabalho.

Ao professor Eduardo Cardoso pelos ensinamentos e atenção ao aceitar compor a banca da defesa desse artigo.

Ao meu orientador, professor Dr. Jefferson Fernandes Alves que me orientou de forma tão precisa.

Ao Instituto de Química da UFRJ que me permitiu fazer esse curso de especialização.

Às colegas, em especial ao grupo de servidoras da UFRJ, que me acompanhou em todas as disciplinas que cursamos: Damiane, Rita, Rose e Vilma.

Aos professores, coordenadores e demais envolvidos do Curso de Especialização de Acessibilidade Cultural.

Ao departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da UFRJ pela realização em parceria com o Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ que apesar de todas as dificuldades e obstáculos só nos fez crescer e aprender com criatividade e proatividade a desenvolver espaços mais inclusivos e acessíveis.



“Nunca se pode concordar em rastejar, quando se sente ímpeto de voar.”

(Helen Keller, 1903, p. 393)

RESUMO

Este artigo consiste na análise da construção de um roteiro de audiodescrição (AD) de um trecho do vídeo escolhido: a primeira fase da sua consultoria. O tema desse material audiovisual é a divulgação científica para crianças. Esse vídeo é uma animação publicada no Canal de *Youtube*® “O incrível pontinho azul” e essa proposta de AD é o princípio de uma série de medidas em busca de uma maior acessibilidade nesse espaço digital. O vídeo trata especificamente do conceito de proteínas, de forma lúdica e interessante para crianças. Buscou-se a participação de uma consultora de AD para construção do roteiro em questão. Parte do roteiro foi discutido e analisado do ponto de vista técnico e teórico pela própria autora desse artigo, por sua expertise no assunto central. Por fim, tendo em vista a importância do direito da criança com deficiência visual, outras deficiências e também com necessidades educacionais específicas, também terem acesso aos seus conteúdos científicos, acredita-se que a AD venha a disponibilizar o conteúdo apresentado de forma mais ampla e acessível ao público infantil.

Palavras-chave: Audiodescrição; videoaula; animação; divulgação científica; crianças com deficiência visual.

1 UM PONTO AZUL NO MEIO DO CAMINHO

Acreditando no potencial didático existente nos vídeos educativos, o criador do Canal de Youtube® “O Incrível Pontinho Azul” produz animações onde a personagem Bill Tyson (Figura 1) apresenta e narra pequenos conteúdos de até 3 minutos de duração cujo tema é a divulgação da área de ciências.



Figura 1 – A personagem Bill Tyson e o logotipo do Canal de Youtube. Criação de Márcio Turini. Fonte: Site “O Incrível Pontinho Azul”¹.

Descrição da imagem: Em fundo branco, o logotipo do site “O Incrível Pontinho Azul”, constituído pelas palavras “O Incrível” em fontes de cor preta em cima das palavras “Pontinho Azul” em letras azuis, com um globo terrestre no lugar da última letra “o” da palavra “Pontinho”. No final da palavra “Azul”, recostado na letra “l”, a personagem “Bill Tyson” acena para o expectador. Bill Tyson veste uma blusa vermelha e um casaco marrom, calças compridas e sapatos pretos. Bill tem cabelos curtos e divididos de lado com uma franja, pele branca e está sorrindo. (Descrição realizada pela autora).

Há alguns anos, Márcio Turini, o criador desse canal, precisou de consultores dos roteiros dos conteúdos das áreas de ciências, assim nos convidou a realizar a consultoria científica de química e física dos seus vídeos.

Com tempo, mergulhados nesse trabalho e também cada dia mais integrados à área de inclusão e acessibilidade, nos sentimos motivados a criar um projeto para conferir mais acessibilidade aos vídeos apresentados no Canal, porém, nesse momento, devido ao tempo e recursos limitados, o passo inicial para esse projeto está sendo uma proposta de audiodescrição (AD) de um desses vídeos.

Nesse artigo, será feita a análise da primeira fase da consultoria de AD de um trecho do vídeo. A importância dessa fase é primordial e nela que se delineiam cenários, imagens importantes para todas as outras fases. Essa etapa é a base sustentadora das demais, por isso há alguns elementos importantes que serão destacados na leitura do texto adiante (COSTA e FROTA, 2011).

¹O Canal “O Incrível Pontinho Azul” fica localizado no Youtube® de endereço eletrônico (URL): https://www.youtube.com/channel/UCOLnE7ioY6Bax_3AiiXDg7g

O vídeo escolhido para esse trabalho foi o “*Proteínas – fundamentais para o nosso corpo*”, até porque já havíamos feito a consultoria científica, necessitando apenas de um consultor de AD. Esse vídeo tem um pouco mais de 2 minutos de duração e aborda, de forma lúdica e divertida, um dos conceitos mais básicos da área de Bioquímica.

A linguagem utilizada pela personagem do vídeo, geralmente destinada ao público infantil, pode alcançar também a um grande público com deficiência, não só visual como intelectual e pessoas com transtornos do espectro autista. Se a esse conteúdo forem agregados recursos de acessibilidade, como o da AD, será de grande valia e maior alcance a esse público com necessidades específicas e com deficiência (FRANCO, 2018).

Sabendo-se que, por lei, a toda pessoa com deficiência é dado o direito de acesso ao conteúdo, salienta-se o direito de uma criança com qualquer deficiência entender o conteúdo apresentado pelo vídeo destacado, como Maíra Passos comenta em:

O direito à informação, à cultura e ao lazer é assegurado pela Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, ratificada pelo Brasil em 2008, obtendo valor de emenda constitucional. A lei de acessibilidade 10.098/2000 e outras normas brasileiras também garantem os mesmos direitos. Já o decreto 5.296/2004 determina a implantação de três sistemas para amplo acesso das pessoas com deficiência aos produtos audiovisuais: o closed caption (legenda), a Libras (Língua Brasileira de Sinais) e a audiodescrição (tradução falada da imagem) (PASSOS, 2011, p. 01).

Internacionalmente, mais fortemente de 2000 em diante várias convenções que trataram de Direitos Humanos defenderam correntes que debatiam o assunto da acessibilidade e inclusão e do direito das pessoas com deficiência (PcD). Esses movimentos geraram acordos que foram assinados por países como Brasil. Por isso, suas legislações tiveram que sofrer várias adaptações. Um dos campos mais complexos que sofreu alterações em suas leis foi o da Educação. O direito desse público também ter informação, cultura e lazer é um desdobramento natural dessas lutas que foram assumidas, também, pelos movimentos sociais e políticos no contexto brasileiro em favor da defesa dos direitos das pessoas com deficiência.

2 VIDEOAULA E AUDIODESCRIÇÃO: BREVE VISÃO TEÓRICA

O vídeo sobre proteínas que está sendo trabalhado neste artigo pode ser utilizado como um veículo de divulgação científica, bem como em escolas, clubes de ciências, exposições como uma videoaula, por possuir elementos desse tipo de material audiovisual como pode ser conferido no fragmento do texto a seguir:

Arroio e Giordan (2006) afirmam que a videoaula se trata de uma “modalidade de exposição de conteúdos de forma sistematizada”, cujo objetivo é “transmitir informações que precisam ser ouvidas ou visualizadas e que encontram no audiovisual o melhor meio de veiculação”. Portanto, mesmo se a videoaula não puder ser visualizada, ainda assim ela cumprirá o seu objetivo, desde que sua concepção considere as pessoas que não poderão visualizar, mas poderão ouvir a descrição das informações visuais (BRAGA, 2018, p. 99)

As vídeoaulas são recursos muito eficazes na área da educação por conta do grande estímulo sensorial causado a quem as utiliza. Muitos elementos são associados em conjunto: visuais, sonoros e até interativos quando possível que têm por objetivo a transmissão de mensagens estimulando o processo cognitivo do interlocutor (OLIVEIRA e STADLER, 2014).

O uso da modalidade da videoaula acessível utilizando a AD pode atingir a um público mais ampliado. Esse tipo de recurso confere ao usuário maior compreensão dos cenários imagéticos e contexto como um todo. O espectador pode ser uma pessoa com deficiência visual (BRAGA, 2018).

(...) a AD pode ser compreendida como uma modalidade de tradução audiovisual envolvendo dois meios semióticos diferentes (o visual e o verbal), um recurso de tecnologia assistiva ou ainda uma atividade de mediação linguística. Essas múltiplas definições conferem à AD um caráter multidisciplinar, transversal e, portanto, aplicável de forma multimídia (BRAGA, 2018, p. 52)

Em Teixeira e Alves (2016) pode-se constatar que a AD em materiais fílmicos não se trata de transcrever elementos audiovisuais apresentados nas sequências imagéticas, como o apresentado na animação aqui trabalhada, mas também pode ser considerada como em um curta-metragem por sua pequena duração. De todo modo,

Ao audiodescritor cabe estar ciente da composição estética da obra e de suas implicações no que se refere à recepção e dos efeitos causados pela diegese fílmica no espectador. Salientamos a importância do conhecimento dos procedimentos técnicos cinematográficos que serão de extrema relevância no processo de escolhas pelo qual passa o profissional de AD (TEIXEIRA e ALVES, 2016, p. 85).

Além disso, cabe salientar que o conceito de AD aqui considerado tem sido discutido e construído através dos tempos (ADERALDO e NUNES, 2016). Apesar desse conceito ser aplicado em uma área relativamente nova e pouco disseminada em nosso país, a AD já está bem estabelecida em outros países por algumas décadas (MOTTA e ROMEU FILHO, 2010). Resumidamente, a AD é estabelecida através de um roteiro que traduz intersemioticamente imagens em palavras (PLAZA, 2013). Essa tentativa não é tão simplesmente uma forma de “ver com os olhos” do vidente, mas elementos culturais, linguísticos e sociais acabam sendo determinantes para a interpretação do interlocutor.

A audiodescrição (*audiodescription*) é a tradução em palavras das impressões visuais de um objeto, seja ele um filme, uma obra de arte, uma peça de teatro, um espetáculo de dança ou um evento esportivo (FRANCO e ARAÚJO, 2011, p. 17).

A produção de uma videoaula possui algumas etapas: a pré-produção, a produção e a pós-produção. Imaginando o processo de criação de uma animação em vídeo como é o nosso caso, a pré-produção é a preparação, planejamento e projeto a ser construído. Essa fase atinge a todas as demais, iniciando-se pela ideia da animação e finalizando pela produção do vídeo. Já na fase de produção, realiza-se a produção da animação e das cenas que compõem o vídeo. Aqui produz-se o vídeo em que a animação é apresentada com a participação do criador da personagem, do professor que auxilia na consultoria de conteúdo científico. Finalmente, na fase de pós-produção é possível inserir grafismos com a inserção de imagens, gerador de caracteres, músicas e animações, etapa que não é o foco desse artigo, pode-se inserir a realização da AD (BRAGA, 2018).

A audiodescrição é um produto cujo processo passa também por algumas fases e no nosso caso, enfocaremos principalmente na primeira fase da consultoria de AD, no primeiro retorno do contato com a consultora de AD. A produção de uma AD é constituída por diversas etapas, tais como: construção do roteiro; consultoria do roteiro; narração; mixagem da narração ao vídeo e validação. A construção do

roteiro é a primeira tentativa do audiodescritor realizar a formação de imagem para o usuário através de suas escolhas lexicais; na consultoria do roteiro o audiodescritor tem a oportunidade de realizar um debate sobre essas escolhas com uma pessoa com deficiência visual que auxilia no processo de roteirização, sugerindo melhores descrições; na narração o narrador grava o áudio para mixagem ao vídeo e a validação são testes de satisfação realizados com pessoas com deficiência visual afim de constatar se a AD realmente atinge o seu objetivo tendo como referência. (COSTA e FROTA, 2011).

Se a pessoa usuária da AD é um sujeito cego, esse constrói o conhecimento de forma completamente diversificada de um surdo ou pessoa com deficiência intelectual, ou mesmo, uma outra pessoa com deficiência visual que tenha baixa visão (LIRA e SCHLINDWEIN, 2008). Apesar disso, não só o cego pode se beneficiar com o uso de material didático com audiodescrição, como por exemplo, audiovisual de divulgação científica. As pessoas com deficiência intelectual (FRANCO, 2018), pessoas consideradas dentro do espectro autista, disléxicos e outras pessoas que possuam déficits de atenção, também podem se beneficiar desta modalidade de acessibilidade.

Sobre os cegos, que são preferencialmente o maior público que pode ser beneficiado com a AD, os seus caminhos compensatórios preferencialmente passam pelos sentidos da audição e do tato. Nesse sentido, a criação de materiais audiovisuais explorando esses sentidos é bastante coerente. Por isso a modalidade de um recurso assistivo utilizando a AD se faz bastante eficiente para divulgação científica (MOTTA e ROMEU FILHO, 2010).

Isso se deve por um motivo muito simples: a forma como o cego (dependendo se ele é congênito ou não) constrói as imagens depende de como ele foi criado e educado, onde ele estudou, como ele recebeu os elementos das imagens que foram descritas a eles. Como é nitidamente evidenciado a seguir:

Como qualquer outra, a criança com diferenças visuais precisa de oportunidades, de convivência com seus pares, de forma que possa aprender a se relacionar com o mundo. É no contexto cultural que a criança aprende, desenvolve os sentimentos em relação a si mesma, as atitudes em relação aos outros e a familiaridade com o meio ambiente (LIRA e SCHLINDWEIN, 2008, p. 173).

A pessoa com deficiência faz outros caminhos semióticos que realizam associações por outros sentidos que não seja a sua visão para construir imagens

mentais, se ele não tiver registro visual nenhum, portanto isso passa a ser uma questão cultural e, por isso, nem todo interlocutor cego fará a mesma imagem de uma descrição. A própria mediação audiodescritiva pode ser uma atividade cultural e educativa, no sentido de que se as imagens a serem descritas forem de um campo não conhecido para o seu usuário, os elementos e escolhas tradutórias utilizados podem ser fontes de enriquecimento do seu conhecimento de mundo (LIRA; SCHLINDWEIN, 2008).

Visando a qualidade da audiodescrição e o outro caminho semiótico da pessoa com deficiência visual seja assegurado, verifica-se a necessidade de uma consultoria técnica especializada na área de AD, sendo vista como de suma importância (MIANES, 2010). Confluentemente com tais colocações Sá (2015) diz que os profissionais da área de consultoria de AD devem se especializar e faz uma pesquisa com 15 consultores, avaliando a qualidade da formação do processo de construção dessa especialidade:

A avaliação da qualidade, pertinência, eficácia e funcionalidade de um produto audiodescrito é realizada por pessoas com deficiência visual que exercem a atividade de consultoria em audiodescrição (Sá, 2015, p. 08).

3 METODOLOGIA

Assim, para realizar o roteiro da AD do vídeo escolhido (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xd2EK2ZkvaE>) seguiram-se os passos a seguir: Salvou-se do Canal do Youtube® em formato *avi*; instalou-se o programa “Subtitle Workshop®”; carregou-se o vídeo dentro do programa; fez-se o roteiro usando-se a função de adição de legenda e salvou-se o trabalho em extensão *txt*. O debate com a consultora de AD sobre as diretrizes e ações tomadas mediante ao vídeo foram realizados à distância por meio de telefone celular (usando também o aplicativo de *whatsapp*®).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma AD de qualidade deve ser realizada com aval de um consultor, preferencialmente cego, capacitado e com experiência na área de AD. Isso confere a garantia de que os elementos imagéticos necessários estejam na mediação

semiótica produzida (ADERALDO, 2014). O trabalho que foi construído foi enviado para consultoria de AD escolhida, pois justamente se trata de uma profissional nos moldes descritos anteriormente como recomendado em literatura.

Realizou-se para esse artigo a primeira fase dessa consultoria. Nessa etapa do roteiro da AD, em que o primeiro contato com o material foi realizado pela autora descritora (no papel do audiodescritor) e em seguida a primeira avaliação e críticas foram tecidas pela consultoria de AD. Essa fase é primordial no sentido de que é dela que se convenciona cortes, privilegiam-se imagem, elencam-se cenários descritivos decisivos para que a imagem e o contexto possam ser construídos pelo sujeito cego.

Após realizada a primeira tentativa de descrição dos elementos imagéticos do vídeo sobre proteínas, todas as descrições por quadro foram registradas e enviadas para a consultora de AD.

Em retorno, a consultora fez sugestões e comentários afim de que o trabalho fosse sistematizado (Quadro 1).

Quadro 1 – Consultoria de AD

Oi Cris, tudo bem?

Em anexo, seguem minhas considerações acerca das suas descrições.

P: Qual é o seu objetivo com esse roteiro?

R: Atingir as crianças cegas e outras deficiências que possam se beneficiar com o recurso da AD para compreender conteúdos de ciências nessa linguagem lúdica apresentada pelo vídeo.

Está claro que mais da metade das descrições deverá ser suprimida, porque há muitas falas relevantes. É necessário selecionarmos o essencial em qualquer AD, por isso, nesse caso, mais do que nunca, "MENOS É MAIS". Informar que quadros aparecem e desaparecem, cores, tamanhos e fontes das letras de todas as palavras prejudicarão a compreensão da obra. O que você poderia fazer para agilizar seria elaborar notas introdutórias antes de iniciar o vídeo, que é uma aula expositiva.

Poderia incluir nestas notas, qual é o tipo de imagem: animação colorida, por exemplo, A personagem/boneco é o professor Bill Tyson. Pode descrever também nas notas, as características físicas e a roupa dele. Pode informar também que os temas abordados serão grafados em quadros, que se substituem durante a animação. Se fizer isso, pode ser que consiga encaixar descritivos relevantes dentro do tempo, porque não deverá haver sobreposição de forma nenhuma às falas.

Não se esqueça da máxima: "menos é mais".

O roteiro de audiodescrição deve ser claro, conciso e objetivo, de acordo com o ritmo da obra.

Fonte: Própria autora e consultora A.

O que a “consultora A” quis dizer com a expressão utilizada em um trecho do texto mostrado no Quadro 1 acima, “menos é mais”? Que, para o cego especializado e experiente no exercício da sua profissão, indica-se ao descritor que se cuide para se criar os roteiros com clareza, concisão e objetivo na AD, pois são critérios para que esse produto seja considerado de boa qualidade. Essa prática da

síntese auxilia ao usuário da AD a realizar a sua construção de situações imagéticas com maior facilidade (MOTTA e ROMEU FILHO, 2010).

Algumas discussões em *whatsapp*® sobre o trabalho deram conta de que a consultora havia conseguido criar as imagens suscitadas pelo roteiro a partir da sua descrição inicial apesar da necessidade de algumas adaptações, aparos e retirada de repetições e sugestões de substituições de termos no roteiro, mesmo antes de assistir ao vídeo (Quadro 1).

A consultora contatada tem formação na área de AD e suas observações iniciais norteiam um caminho para construção de um roteiro para que o cego possa usufruir melhor das descrições para tanto conseguir construir as imagens tal como também inserir essas imagens ao contexto do assunto do vídeo, Proteínas. A formação sólida de um profissional de consultoria em AD é primordial, pois não basta somente o consultor ser cego, ele precisa dominar as técnicas e recursos intersemióticos necessários para transformar uma mera descrição em uma AD. Para se produzir uma AD de qualidade, o audiodescritor deve em consonância a isso também deter esse mesmo conhecimento técnico e teórico para atingir ao público que quer transmitir o assunto (SILVA, 2016 e SÁ, 2015).

Dados tais fatos, a consultora de AD pontuou cada trecho dos quadros apresentados no vídeo críticas e sugestões para mudanças do roteiro para sua melhoria. Afim de sistematizar tais apontamentos, apresenta-se no Quadro 2 os principais trechos desse processo:

Quadro 2 – Primeira fase da consultoria de AD do vídeo “Proteínas – fundamentais para o nosso corpo”

AD	Consultoria
<p><i>I. De 00:00:00, 000 à- 00:00:02,350</i> Começo da vinheta do canal de youtube: Em fundo preto e o sol aparente, e algumas camadas azuis o envolvendo, surge gradativamente o globo terrestre nas cores azul indicando os oceanos e os continentes em verde. (sic)</p>	<p>-- TRATA-SE DE UMA ANIMAÇÃO? -- ESSA VINHETA É UM LOGO DO YOUTUBE OU DO CANAL? -- SUGESTÃO: EM FUNDO PRETO, O SOL (BRILHANTE?) ENVOLVIDO POR CAMADAS AZUIS (NÃO HÁ UM NOME CIENTÍFICO PARA ESSAS CAMADAS?) -- O GLOBO TERRESTRE SURGE EM LUGAR DO SOL? (sic)</p>
<p><i>II. De 00:00:02,351 à 00:00:03,351</i> Surge de cima para baixo um avião cinza com asas azuis. (sic)</p>	<p>-- SUGESTÃO: UM AVIÃO CINZA COM ASAS AZUIS CORTA O CÉU (CARACTERÍSTICA PARA O CÉU). (sic)</p>
<p><i>III. De 00:00:03,352 à 00:00:07,049</i> Em fundo branco, já com a imagem do globo terrestre completa, aparece o título do canal do youtube "O Incrível Pontinho Azul", sendo</p>	<p>SOBRE FUNDO BRANCO, DENTRO DO GLOBO TERRESTRE, EM LETRAS PRETAS E AZUIS, O INCRÍVEL PONTINHO AZUL.</p>

<p>que "O Incrível" escrito em fontes finas e pretas e "Pontinho Azul" em azul e agora com o globo terrestre representando o ponto da letra i. Por fim, surge a personagem Bill Tyson, o narrador, que se recosta na letra "O" da palavra "Pontinho". Ele acena para o expectador do vídeo sorrindo e levantando as fartas sobrancelhas. Desaparece a vinheta do canal. (sic)</p>	<p>-- O GLOBO ESTÁ SOBRE QUE LETRA I? -- O PROFESSOR BILL TYSON SE RECOSTA NA LETRA O. (sic)</p>
<p>IV. De 00:00:07,050 à 00:00:08,034 Surge um fundo azul claro onde aparecem: uma bancada e prateleiras na parede com vidrarias de laboratório de ciências. Mais a frente uma mesa em azul mais escuro também com vidrarias. (sic)</p>	<p>-- EM UM LABORATÓRIO, PRATELEIRAS, UMA BANCADA E UMA MESA AZUL ESCURO. SOBRE OS MÓVEIS INÚMEROS FRASCOS (PODE VER SE ESTÃO CHEIOS? ROTULADOS? (sic)</p>
<p>V. De 00:00:08,035 à 00:00:09,896 Nesse momento surge a personagem Bill Tyson atrás da mesa no laboratório. Bill é um boneco de pele clara, cabelos e olhos castanhos, sobrancelhas esfeças. Veste uma camisa vermelha de gola alta e por cima uma sueter estilo cashmere com gola vê marrom claro, calça comprida preta e sapato marrom escuro. (sic)</p>	<p>-- ATRÁS DA MESA, O PROFESSOR. TEM PELE CLARA, CABELOS E OLHOS CASTANHOS, SOBRANCELHAS ESPESSAS. USA CAMISA VERMELHA POR BAIXO DE UM SWETTER COM GOLA MARROM CLARO, CALÇAS PRETAS E SAPATOS MARRONS ESCUROS (sic).</p>
<p>VI. De 00:00:11,726 à 00:00:16,775 Aparece um retângulo laranja com borda amarela ao fundo no lado direito inferior da tela escrito "Prof. Bill Tyson". (sic)</p>	<p>-- NO CANTO INFERIOR DIREITO DA TELA, EM UM RETÂNGULO LARANJA E AMARELO, PROFESSOR BILL TYSON (sic).</p>
<p>VII. De 00:00:16,776 à 00:00:18,995 Desaparece repentinamente o retângulo laranja. (sic)</p>	<p>-- O RETÂNGULO DESAPARECE (sic).</p>
<p>VIII. De 00:00:18,996 à 00:00:20,697 Bill gesticula com as mãos e braços repetidamente e mexe com os olhos e sobrancelhas. (sic)</p>	<p>-- BILL GESTICULA E MOVE OS OLHOS E AS SOBRANCELHAS (sic).</p>
<p>IX. De 00:00:20,697 à 00:00:21,932 Aparece o mesmo retângulo laranja dessa vez no lado esquerdo superior escrito "Proteína". Bill vira-se para o letreiro que surge apontando para ele. (sic)</p>	<p>-- O RETÂNGULO REAPARECE NO CANTO SUPERIOR ESQUERDO, COM O LETREIRO PROTEÍNA, EM LETRAS ""? -- BILL SE VIRA PARA O LETREIRO (sic).</p>

Fonte: Própria autora.

Em todos os fragmentos apresentados no Quadro 2 acima a consultora de AD fez a imagem correta do que era preciso descrever. Os questionamentos foram nesse sentido, de confirmar se aquela imagem criada era a correta, e isso foi conseguido. Porém, as escolhas lexicais e a organização das ideias foram reordenadas através das sugestões em retorno. Foram visivelmente utilizadas

técnicas de AD por conta da formação e experiência sólidas da consultora (SÁ, 2015 e SILVA, 2016), como seria esperado.

A partir do último fragmento apresentado na Quadro 2, começaram a surgir dúvidas da consultora que pediu que fossem feitos cortes e novas escolhas, mas solicitou uma conversa para um debate sobre como fazer a AD juntas, no sentido de a autora roteirista explicar melhor a situação imagética e ela mostrar os melhores caminhos para uma descrição mais sucinta, porém não incompleta.

No Quadro 2 foram elencados os principais trechos iniciais das sugestões realizadas pela consultora e que são preponderantemente imagens determinantes para a formação da situação do vídeo a ser apresentada ao sujeito cego, o espectador.

A consultora ainda salientou que a imagem criada foi bem-feita, porém a sistematização para que se consiga inserir a fala do narrador em meio à narração principal é que deve tender a privilegiar de forma mais sintética imagens mais importantes nos cenários do vídeo.

A necessidade de notas introdutórias e o apontamento das transições entre quadros foram pontos de concordância entre a autora roteirista e consultora.

Nesse trabalho inicial da AD são realizadas as convenções, acordos, destaques e cortes necessários para uma próxima versão refinada com as sugestões e supressões que darão condições do roteiro ser realmente executado.

Mais detalhadamente pode-se traçar alguns comentários acerca dessa primeira fase da consultoria realizada:

- I. A consultora atentou para detalhes importantes imagéticos e ainda sobre alguns termos técnicos, pois se tratando de um vídeo de divulgação científica seria importante contextualizar o roteiro.
- II. Nesse quadro da consultoria, acredito que haja um conflito de estilos de AD, pois o roteiro privilegia mais o contexto imagético e a consultora sugere a criação de uma imagem mental em movimento com a sugestão “(...) asas azuis corta o céu (...)” (*sic*).

Do fragmento III em diante a consultora procurou realizar cortes e buscou otimizar o tempo objetivando muito a sugestão de trecho do roteiro, pois ela imaginou que entre os cenários não houvesse tempo em um texto tão longo, inviável para narração e mixagem posterior do vídeo.

O resultado do trabalho entre o audiodescritor e o consultor serve como mediação, mas não como elemento de perda de autonomia do interlocutor cego, pois deve ser considerado o ponto de partida para criação das imagens - elemento primordial para interpretação de todo contexto e significados intrinsecamente ligados aos conceitos que o conteúdo do vídeo pretende transmitir. Haja visto isso, cabe destacar que:

Essa abordagem pelo viés da responsividade nos remete ao caráter mediador da audiodescrição na teia semiótica de atribuição de sentidos que nos permite uma iniciativa teórico-prática de articulação da audiodescrição com a mediação (...) (ALVES e NASCIMENTO, 2018, p. 213).

Para um vídeo lúdico de animação apresentar o assunto sobre proteínas da área de Bioquímica é necessária precisão por parte dos elaboradores, consultores de conteúdo e principalmente os de AD por conta desse caráter de mediação entre o conteúdo e as pessoas com deficiência que serão os seus espectadores/usuários. Neste caso, a capacidade de resposta autônoma dos usuários está relacionada com a provocação que a videoaula acessível suscita em relação à capacidade destes em atribuir sentidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se a importância da proposta de criação de um roteiro de AD e a atividade de consultoria do vídeo da animação escolhido no Canal “O Pontinho Azul” e acreditando-se que o trabalho realizado seria uma forma de resguardar o direito de uma criança com deficiência visual ter acesso aos elementos lúdicos juntamente aos conceitos de ciência ali apresentados, destacam-se a seguir:

A consultoria de AD é extremamente importante no sentido de sistematizar toda a descrição e elencar quais os critérios para privilegiar cenários, imagens, situações, conferindo mais clareza para o roteiro a ser construído. Nesse trabalho, mostra-se que o consultor de AD não é o profissional que só no final juramenta a AD já construída, mas sim, ele pode participar de todo processo. É o consultor que oferece o contraponto, a partir de seus comentários e sugestões, inaugurando um processo de reflexão com o audiodescritor. Esse processo não é e nem deve ser feito em uma etapa somente. O diálogo é constante e necessário para que a qualidade do produto seja garantida (SILVA, 2016).

A participação de um consultor de AD, que também é uma pessoa cega, norteia os caminhos que se podem alcançar com mais facilidade a partir da validação de uma AD. Essa validação ocorre através da avaliação dos espectadores com deficiência visual. É importante destacar que a partir dessa demanda, abre-se um leque interessante para o cego enquanto profissional. Assim nasce um mercado específico, o da AD, tornando-se cada dia mais amplo (SÁ, 2015).

A capacitação dos consultores de AD é muito importante e tanto Sá (2015) quanto Silva (2016) demonstram que uma AD amadora pode atrapalhar, inclusive a visualização das imagens por parte dos cegos e impedindo a construção do seu conhecimento no caso de imagens didáticas, conceituais e que vão auxiliar na compreensão da parte teórica do conteúdo apresentado.

Os planejamentos de AD devem considerar as várias inconstâncias e dificuldades de percurso, tal como: agenda do audiodescritor e consultor; meios de comunicação; análise e diálogo entre as partes. Esse tipo de trabalho não pode ser considerado capaz de ser realizado em um cronograma estático, pois diversos obstáculos podem inviabilizar as fases do projeto idealizado.

A partir da consultoria, o audiodescritor ganha a possibilidade de produção de um roteiro que contempla de fato o que é preciso para atingir ao público a que a AD é endereçada. Portanto gera-se uma AD mais eficiente.

Por fim, pôde-se constatar também que a produção do roteiro e consultoria de uma AD podem ser incorporados nas diversas fases de produção de um vídeo. Inclusive, o vídeo a ser produzido pode ser pensado em uma perspectiva mais inclusiva, permitindo pausas nas narrações do conteúdo e buscando situações e cenários mais "audiodescritíveis". Acredita-se que quando se produz um material audiovisual pensando em um material que respeite os preceitos do desenho universal, possam ser produzidos em equipe e com audiodescritores e consultores como parte dessa equipe, construindo o processo como um todo e não só trabalhando um produto acabado na sua pós-produção.

REFERÊNCIAS

ADERALDO, M. F. **Proposta de parâmetros descritivos para audiodescrição à luz da interface revisitada entre tradução audiovisual acessível e semiótica social – multimodalidade**. (Tese: Curso de Doutorado em Linguística Aplicada). UFMG: Belo Horizonte, MG: 2014.

ADERALDO, M. F.; NUNES, A. audiodescrição e a acessibilidade visual: breve percurso histórico. *In* ADERALDO, M.F; ALVES, J. F.; ARAÚJO, V. L. S.; DANTAS, J. F. L.; MASCARENHAS, R. de O. **Pesquisas teóricas e aplicadas em audiodescrição**. EdUFRN: Natal/RN, 2016.

ALVES, J. F.; NASCIMENTO, A. K. A. do. A audiodescrição e a mediação teatral: a palavra e o jogo dialogando com a cena. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 27, n. 51, p. 213-231, jan./abr. 2018.

BRAGA, K. B. **Formação docente em audiodescrição: metodologia para a produção de videoaulas acessíveis**. (Tese: Curso de Doutorado em Educação). UECE: Fortaleza/CE, 2018.

COSTA, L.; FROTA, M. P. Audiodescrição: primeiros passos. **Tradução em Revista**, p. 11, 2011/2.

FRANCO, E. P. Cardoso. Audiodescrição e deficiência intelectual um estudo sobre o papel do usuário. **Revista Inventário**, n. 21, Salvador, jul. 2018.

FRANCO, E. P. C; ARAÚJO, V. S. Questões Terminológico-Conceituais no Campo da Tradução Audiovisual. **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, v. 11, 2011.

LIRA, M. C. F de; SCHLINDWEIN, L. M. A pessoa cega e a inclusão: Um olhar a partir da Psicologia Histórico-Cultural. **Cad. Cedes**. Campinas, vol. 28, n. 75, p. 171-190, maio/ago. 2008.

MIANES, Felipe Leão. Consultoria em audiodescrição: alguns caminhos e possibilidades. *In* CARPES, Daiana Stockey (Org.). **Audiodescrição: práticas e reflexões** (recurso eletrônico). Catarse: Santa Cruz do Sul/RS, 2016.

MOTTA, L. M. V. de M.; ROMEU FILHO, P. **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. Secretaria do Estado dos Direitos a Pessoa com Deficiência, Governo do Estado de São Paulo: SP, 2010.

OLIVEIRA, A.; STADLER, P. C. Videoaulas: uma forma de contextualizar a teoria na prática. **Anais 20º CIAED**: Curitiba/PR, Out. 2014.

PASSOS, M. Acessibilidade Comunicacional. *In* **Blog da Audiodescrição**. SP: Revista Promonews, 2011. Disponível em: <
<http://www.blogdaaudiodescricao.com.br/2011/02/acessibilidade-comunicacional.html>> (Acesso em 25/08/2019).

PLAZA, J. **Tradução intersemiótica**. Perspectiva: São Paulo/SP, 2013.

SÁ, E. D. **A consultoria na prática da audiodescrição:** a perspectiva dos consultores com deficiência visual. (Monografia: Curso de Especialização em Audiodescrição) UFJF: Juiz de Fora/MG, Out. 2015.

SILVA, M. C. C. C. Audiodescritor consultor: competências necessárias ao profissional não vidente. *In* ADERALDO, M.F; ALVES, J. F.; ARAÚJO, V. L. S.; DANTAS, J. F. L.; MASCARENHAS, R. de O. **Pesquisas teóricas e aplicadas em audiodescrição.** EdUFRN: Natal/RN, 2016.

TEIXEIRA, C. R.; ALVES, S. F. A audiodescrição do curta-metragem: Um outro ensaio: uma perspectiva semiótica. *In* ADERALDO, M.F; ALVES, J. F.; ARAÚJO, V. L. S.; DANTAS, J. F. L.; MASCARENHAS, R. de O. **Pesquisas teóricas e aplicadas em audiodescrição.** EdUFRN: Natal/RN, 2016.